

NOSSOS MESTRES

Carlos Vieira/CB/D.A Press

Professora da rede pública que viralizou nas redes com desenhos impressionantes na lousa conta como se apaixonou pela educação e encontrou novo significado na escolha profissional

» MARIANA NIEDERAUER

Os traços que hoje encantam sobre a lousa revelam uma habilidade que acompanha a artista e professora de artes Camilla Dantas, 30 anos, durante toda a vida. “Sempre gostei muito de desenhar, como toda criança, mas eu continuei”, explica. Ela nunca frequentou um curso de desenho na infância nem na adolescência, mas com o treino em casa aprimorou a habilidade.

Aos 13 anos, descobriu que a Universidade de Brasília (UnB) oferecia uma graduação em artes visuais e, desde então, não houve quem a dissuadisse da ideia de cursá-la. O pai até tentou, pensando talvez em uma formação que proporcionasse um caminho mais simples no mercado de trabalho. Mas Camilla estava decidida: queria ser artista.

Isso mesmo. A ideia de ser professora não passava pela cabeça. Tanto que ingressou na universidade federal pelo Programa de Avaliação Seriada (PAS/UnB) e optou pela habilitação de bacharel. “Eu não queria ser professora de jeito nenhum. Achava que era, de certa forma, um fracasso o artista se tornar professor”, revela. “Mas, ao longo do tempo, vi que aquele diploma de bacharel não ia trazer um retorno direto. E mudei para licenciatura, como um ‘plano Z’”, confessa.

Foi aí que uma mudança ainda mais profunda teve início. “Quando comecei a cursar as matérias, percebi que não tinha ideia do que era ser professor”, admite Camilla. As disciplinas relacionadas à psicologia, que tratavam do desenvolvimento humano, a fascinaram. Não tinha mais volta: ela havia sido fígada pelo universo da educação.

Ainda na graduação, desenvolveu um curso de pintura para idosos em Taguatinga, projeto pensado com foco na inclusão desse público. “Foi a martelada final no prego de que era isso que eu queria: tornar-me professora”, recorda-se.

A arte salva também na escola

